

EDUCAR PARA A VERDADE SEGUNDO HANS-GEORG GADAMER

Francisco Agamenilton Damascena

Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis, Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Educação Superior do Espírito Santo, em convênio com a Faculdade Mario Schenberg, Mestre em Filosofia pelo Pontifício Ateneo Regina Apostolorum de Roma. Atualmente é doutorando em Filosofia pela Pontificia Università Lateranense de Roma.
E-mail: fcoagamenilton@hotmail.com

Resumo: No âmago da pessoa humana, está a sede de saber. É a sede de verdade. Se há esta sede, é porque a verdade existe. Sua inexistência tornaria a sede em si um absurdo. Permanece, no entanto, a dificuldade de encontrar a verdade e propô-la aos demais. Eis o desafio dos educadores, pais e professores. Neste artigo, propomo-nos, então, apresentar, à luz de Hans-Georg Gadamer, meios, alternativos aos das ciências exatas, pelos quais a verdade possa ser encontrada. O processo educacional poderá fazer uso deles e, assim, favorecerá ao estudante o encontro com a verdade. Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica, passando, sobretudo, por alguns dos principais textos de Gadamer e seus comentadores. Ponto de partida é a diferença entre formação (Bildung) e educação (Erziehung). A "formação" é um processo relacionado à pessoa humana, através do qual ela dá uma forma de humanidade a si mesma. A "educação" é o auxílio que se presta ao indivíduo no seu contínuo formar-se. Nesse processo, Gadamer confere um lugar especial para a verdade como aletheia (evento). Por isso, a verdade é um encontro. Ela acontece. Os meios para que isso ocorra são: a experiência estética, o diálogo, a linguagem e o contato com os clássicos gregos. De todos estes, o diálogo é o lugar privilegiado para manifestação da verdade. Concluímos que o pensamento de Gadamer tanto indica meios para encontrar a verdade como também cria espaço para a convivência universal. Diante do contexto de pluralismo violento e excludente, esta é uma excelente proposta pedagógica.

Palavras-chave: Formação. Educação. Verdade. Diálogo.

Abstract: At the heart of the human person is the thirst for knowledge. It is the thirst for truth.

If there is this thirst then truth exists. Its absence would make the seat itself absurd. It remains, however, the difficulty of finding the truth and propose it for others. That is the challenge of educators, parents and teachers. In this article I propose to present my work, in the light of Hans-Georg Gadamer, as means, in alternative to the exact sciences, in which the truth can be found. The educational process can make use of them and thus promote the student the encounter with the truth. The methodology used is bibliographical research. Some of the Gadamer's texts were used as well as his commentators. The starting point is the difference between formation (Bildung) and education (Erziehung). To him "formation" is a process related to the human person through which it gives a form of humanity itself. "Education" is the help that is provided for the individual in his continuous formation. In this process Gadamer gives a special place to the truth as aletheia (event). So the truth is an encounter. It happens. The means through which these happen are: aesthetic experience, dialogue, language and contact with the Greek classics. Of all these, the dialogue is the privileged place for the manifestation of truth. At the end I conclude with the thought of Gadamer that indicate the means to find the truth, but also it creates space for universal coexistence. Before the violent and exclusionary pluralism context this is an excellent pedagogical proposal.

Keywords: Formation. Education. True. Dialogue.

Resumen: En el corazón de la persona humana está la sed de saber. Es la sed de verdad. Si existe esta sed es porque la verdad existe. Su ausencia haría absurda esta sed. Queda, sin embargo, la dificultad de encontrar la verdad y proponerla a los demás. Este es el desafío de los educadores, padres y maestros. En este artículo

nos proponemos a presentar, a la luz de Hans-Georg Gadamer, medios alternativos a los de las ciencias exactas a través de los cuales la verdad se puede encontrar. El proceso educativo podrá hacer uso de ellos y así favorecer al estudiante el encuentro con la verdad. La metodología utilizada en esta investigación es la bibliográfica, usando especialmente algunos de los principales textos de Gadamer y sus comentaristas. El punto de partida es la diferencia entre formación (Bildung) y educación (Erziehung). La «formación» es un proceso relacionado con la persona humana a través del cual ella se da una forma de humanidad a sí misma. La «educación» es la ayuda que se proporciona al individuo en su continuo formarse. En este proceso Gadamer asigna un lugar especial a la verdad como aletheia (evento), de manera tal que la verdad es un encuentro. Simplemente acontece. Los medios para que esto suceda son: la experiencia estética, el diálogo, el lenguaje y el contacto con los clásicos griegos. De todos ellos, el diálogo es el lugar privilegiado para la manifestación de la verdad. Al final llegamos a la conclusión de que el pensamiento de Gadamer no sólo indica medios para encontrar la verdad, sino que también crea un espacio para la convivencia universal. Frente al contexto del pluralismo violento y excluyente se trata de una excelente propuesta pedagógica.

Palabras clave: Formación. Educación. Verdad. Diálogo.

Sommario: Nell'intimo della persona umana si trova la sete di sapere. E' la sete di verità. Se c'è questa sete è perché la verità esiste. La sua inesistenza farebbe questa sete diventare un assurdo. Resta però la difficoltà di trovare la verità e di proporla agli altri. Ecco la sfida degli educatori, genitori e professori. In questo articolo presentiamo, alla luce del pensiero di Hans-Georg Gadamer, dei mezzi per trovare la verità che sono un'alternativa a quelli delle scienze esatte. Il processo educativo potrà farne uso e faciliterà così allo studente l'incontro con la verità. La metodologia adottata è quella della ricerca bibliografica, alla scia soprattutto di alcuni dei principali testi di Gadamer e dei suoi commentatori. Il punto di partenza è la differenza tra formazione (Bildung) ed educazione (Erziehung). La «formazione» è il processo mediante il quale la persona dà a se stessa una forma di umanità. L'«educazione»

è un ausilio che si offre all'individuo nel suo continuo formarsi. In questo processo Gadamer conferisce un posto speciale alla verità come aletheia (evento). Perciò la verità è un incontro. Essa accade. I mezzi perché ciò sia possibile sono: l'esperienza estetica, il dialogo, il linguaggio e il contatto con i classici greci. Fra di essi, il dialogo è il luogo privilegiato per la manifestazione della verità. Concludiamo che il pensiero di Gadamer ci indica dei mezzi per trovare la verità, e allo stesso tempo crea uno spazio per la convivenza universale. In un contesto di pluralismo violento ed escludente questa è una eccellente proposta pedagogica.

Parole chiave: Formazione. Educazione. Verità. Dialogo.

Résumé: Dans le cœur de la personne humaine, il y a la soif de connaître la vérité. S'il y a cette soif c'est parce que la vérité existe car son inexistence rendrait cette soif elle-même absurde. Cependant, il n'est pas facile de la trouver et de la proposer à d'autres. Tel est le défi des éducateurs, des parents et des enseignants. Dans cet article nous nous proposons de présenter, à la lumière de Hans-Georg Gadamer, des moyens alternatifs aux sciences exactes qui permettent de trouver la vérité pour que le processus éducatif puisse en faire usage et ainsi aider l'élève à la rencontrer. La méthodologie utilisée est celle de la recherche bibliographique en utilisant surtout certains textes de Gadamer et de ses commentateurs. Le point de départ est la différence entre la formation (Bildung) et l'éducation (Erziehung). La "formation" est un processus lié à la personne humaine par laquelle elle se donne une forme de l'humanité. L'"éducation" est l'aide qu'on fournit à l'individu dans sa formation continue. Gadamer accorde une place particulière à la vérité entendue comme aletheia (événement). Donc la vérité est une rencontre. Elle arrive. Les moyens pour que cette rencontre puisse avoir lieu sont: l'expérience esthétique, le dialogue, la langue et le contact avec les classiques grecs. De tout cela, le dialogue est le lieu privilégié pour la manifestation de la vérité. À la fin, nous concluons que la pensée de Gadamer indique des moyens pour trouver la vérité et établit également un espace pour la coexistence universelle. Dans le contexte de pluralisme et d'exclusion violente ceci est une excellente proposition pédagogique.

Mots-clés: Formation. Éducation. Vérité. Dialogue.

1. INTRODUÇÃO

São visíveis, nos seus efeitos, como elementos da cultura contemporânea, o relativismo e suas consequências, ou seja, o niilismo e a indiferença para com a verdade. A expressão popular “tanto faz, tanto fez” anuncia que o “contrário” é possível. Nesse passo, não importa a situação, o mundo pessoal não toca o território da existência de outrem. É o reino da indiferença e do nada como ponto máximo da crise atual. Assim, a verdade vai perdendo espaço na vida pessoal e social, sobretudo a verdade que toca a dimensão moral da existência humana, constantemente provocada a escolher, a se posicionar e a reagir diante de várias situações de níveis de complexidade diferentes.

Os pais e professores, educadores por excelência, reagem de distintos modos a tal situação. Alguns pais renunciam sua missão de educadores e transferem-na para a escola, pois se sentem incapazes de concorrer com a “escola da rua”, da TV e da internet; ou ainda porque simplesmente renunciam a esse direito e dever; outros por motivo de não saberem realmente como exercê-lo. Por parte dos professores, alguns não se rendem a projetos pedagógicos destinados a alimentar o sistema gerador de “pessoas máquinas”, mas se preocupam em auxiliar os pais na preparação de seus filhos para a vida; todavia, sentem enormes dificuldades no como fazer isso; outros, ao contrário, cumprem o dia de trabalho, transmitem o conteúdo das disciplinas e seguem suas vidas.

É evidente a sede de verdade existente no âmago de cada pessoa humana. Se há essa sede é porque a verdade existe. Sua inexistência tornaria a sede em si um absurdo. Permanece, no entanto, a dificuldade de encontrar a verdade. Fomos, então, procurar em Hans-Georg Gadamer, pai da hermenêutica contemporânea, respostas para algumas perguntas nascidas diante do desafio acima contextualizado. O motivo pelo qual nos referimos a ele se deve a vários estudos publicados sobre a relação entre educação e hermenêutica. As questões que lhe pusemos são: qual é sua concepção de educação? Há, em sua filosofia,

espaço para a verdade? Se sim, como encontrá-la? Sua filosofia pode ajudar a prática pedagógica em vista de uma educação integral?

A partir desses questionamentos, redigimos este artigo no intuito de apresentar, à luz de Gadamer, os meios pelos quais a verdade é encontrada, para que o processo educacional possa fazer uso deles favorecendo ao estudante o encontro com a verdade. Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica, passando, sobretudo, por alguns textos de Gadamer e seus comentadores. Sem a pretensão de exaurir a complexa temática, conduzidos pelos autores, esperamos obter conclusões relevantes e orientadoras para a digna arte da pedagogia.

2. CONCEPÇÃO GADAMERIANA DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Em 1999, no *Gymnasium* Dietrich-Bonhoeffer de Eppelheim, Gadamer proferiu uma célebre conferência intitulada “Educar é educar-se”. Logo ao iniciar, ele disse que «a educação (*Erziehung*) é educar a si mesmo (*sich erziehen*), a formação (*Bildung*) é formar a si mesmo (*sich bilden*)»¹. Essa importante frase nos introduz na definição e diferença entre formar (*bilden*) – formação (*Bildung*) – e educar (*erziehen*) – educação (*Erziehung*).

Em *Verdade e Método*, Gadamer, ao apresentar os conceitos-chave do Humanismo, colocou a *Bildung* entre eles². É um termo alemão e, em linhas gerais, significa “formação”. Gadamer, no esforço de explicar, assim se expressa:

Hegel, ao contrário, já fala de formar-se e de formação ao acolher o mesmo pensamento kantiano do dever para consigo mesmo, e Wilhelm von Humboldt, com a capacidade auditiva que o celebra, já percebe perfeitamente uma diferença de significado entre cultura e formação: “Quando nós, porém, em nosso idioma dizemos formação, estamos com isso nos

¹ GADAMER, H. G. *Educare è educarsi*. Genova: Il Melangolo, 2014. p. 10. Tradução nossa. Texto original: “l’educazione (*Erziehung*) è educare se stessi (*sich erziehen*), la formazione (*Bildung*) è formare se stessi (*sich bilden*)”.

² Cf. Id. *Verdade e Método*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pp. 47-60.

referindo a algo ao mesmo tempo mias íntimo ou seja, à índole que vem do conhecimento e do sentimento do conjunto do empenho espiritual e moral, a se derramar harmonicamente na sensibilidade e no caráter”. [...] A ascensão da palavra formação desperta, mais do que isso, a antiga tradição mística, segundo a qual o homem traz em sua alma a imagem de Deus segundo a qual ele foi criado, e tem de desenvolvê-la em si mesmo³.

O que se pode concluir é que “formação” é um processo relacionado à pessoa humana através do qual ela dá uma forma de humanidade a si mesma. A *Bildung* é a ação do homem sobre si mesmo no formar-se constantemente. Pensando o caminho da perfeição, esta forma é de altíssimo nível moral e intelectual que tocam a vida privada e social. Trata-se de um processo estritamente solitário, pessoal, não envolve relação entre sujeitos, isto é, o sujeito e o objeto coincidem com a própria pessoa. Por isso, é correto dizer “ninguém forma ninguém”, “eu sou formador de mim mesmo” (autoformação). Ele não é resultado, mas um processo e como tal é constitutivo do ser humano. Portanto, a autoformação dura a vida inteira. Uma pessoa nunca é completamente formada.

No que se refere à educação (*Erziehung*), ela é o auxílio que se presta a pessoa no seu contínuo formar-se. Assim, a educação está em função da *Bildung*⁴ e se refere tanto à educação formal quanto à informal. Nesse processo, o papel do educador é apenas de colaborador do educando.

Perguntando-se quando se começa a educação, Gadamer pôs de lado as discussões em torno à relação feto e mãe e se transportou diretamente aos primeiros anos da educação básica, que coincidem exatamente com o início do falar⁵. Esse fato humano se dá mediante o contato com os semelhantes. Por meio do falar, a criança vai entrando no mundo humano, sendo acolhido por ele, pois aprender uma língua é entender-se com os demais. Gadamer fez uma relação de tal humano com o educar e concluiu que educar é também um entender-se

³ GADAMER, H. G. *Verdade e Método*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 49.

⁴ Cf. Id. *Educare è educarsi*. Genova: Il Melangolo, 2014. p. 50.

⁵ Cf. Ibid., p. 11s.

com os demais. Logo, a educação começa com o aprender a falar. “A educação (Erziehung) é aqui concebida como um processo natural que – assim eu acredito – cada um gentilmente (freundlich) aceita em cada momento através de uma tentativa de entendimento (Verständigungsversuche)”⁶.

Já podemos constatar que educação envolve diálogo e relações humanas. Aliás, Gadamer acredita que «se possa aprender somente através do diálogo»⁷. Sempre usando a linguagem, ele reforça essa ideia ao ilustrar o caso da aprendizagem de uma língua estrangeira no qual se dá preferência ao diálogo, à leitura e escrita de textos⁸ como método.

Dessa relação entre linguagem e educação, outra conclusão que se extrai é a da autoeducação. Assim como ninguém pode aprender a língua por mim, ninguém pode se tornar educado no meu lugar. Esse sentido é um acréscimo que Gadamer faz à concepção de educação em língua alemã, o qual, originariamente, indica “educar o outro”⁹. Com isso, Gadamer chama o sujeito à responsabilidade sobre si no processo de educação e formação, ou seja, a pessoa precisa se interessar pela própria educação.

Enfim, seguindo a linha gadameriana, o léxico alemão e o Humanismo, é correto dizer: “eu me formo”, “eu me educo”, “eu educo alguém”; ao passo que é errado dizer “eu formo alguém”.

3. CONCEPÇÃO GADAMERIANA DE VERDADE

A concepção gadameriana de verdade se insere no contexto da hermenêutica. Nos tempos atuais, hermenêutica tem sido sinônimo de relativismo, espaço livre para a interpretação. Ao contrário, a hermenêutica clássica sempre quis garantir uma objetividade na interpretação e combater as arbitrariedades nessa tarefa.

⁶ GADAMER, H. G. *Educare è educarsi*. Genova: Il Melangolo, 2014. p. 24. Tradução nossa. Texto original: “L’educazione (Erziehung) è qui concepita come un processo naturale che – così io credo – ognuno gentilmente (freundlich) accetta in ogni momento attraverso un tentativo di intesa (Verständigungsversuche)”.

⁷ Ibid., p. 10. Tradução nossa. Texto original: “si possa imparare soltanto attraverso il dialogo”.

⁸ Cf. Ibid., p. 20.

⁹ Cf. MARIO, G. “Bildung e Erziehung nel pensiero pedagogico di Hans-Georg Gadamer”. In: GADAMER, H. G. *Educare è educarsi*. Genova: Il Melangolo, 2014. p. 38.

Essa ideia contemporânea nasce de uma das concepções de hermenêutica como “espaço intelectual e cultura no qual a verdade não se dá, porque tudo se reduz a interpretação”¹⁰. Isso foi bem expressado nas palavras de Nietzsche: “Os fatos não existem, existem somente interpretações”¹¹.

Podem-se identificar três significados para a hermeneutica¹²:

Arte de interpretar os textos: é o sentido clássico do termo; expressa a função auxiliar e normativa da hermenêutica para as ciências interpretativas enquanto oferece regras para interpretação dos textos;

Reflexão metodológica sobre a pretensão de verdade e sobre o estatuto científico das ciências humanas; é a concepção presente em Dilthey;

Filosofia universal da interpretação: a interpretação e a compreensão não dizem respeito apenas a textos ou ao modo de trabalhar das ciências humanas; ambos são processos que se encontram no âmago da existência. A hermenêutica deixa de ser uma ferramenta para a filosofia e se transforma, ela mesma, em uma filosofia.

Gadamer seguiu a terceira concepção com algumas alterações. Ele não considerou tanto a existência, mas se preocupou com as ciências humanas nas dimensões linguística e histórica da compreensão humana como caminho para a verdade. Isso implica em se deter muito mais sobre a subjetividade que sobre um método para se obter a verdade¹³. Desse modo, Gadamer se contrapõe ao predomínio do cientificismo e da filosofia analítica, da atitude de domínio e busca de poder sobre as coisas e a linguagem¹⁴. Ele se coloca do lado da possibilidade de também conhecer a verdade mediante experiências

¹⁰ GRONDIN, J. *L'ermeneutica*. Brescia: Queriniana. 2012, p. 6. Tradução nossa. Texto original: “spazio intellettuale e cultura in cui non si dà verità, perché tutto si riduce a interpretazione”.

¹¹ NIETZSCHE, F. W. *La volontà di potenza*. Milano: Bompiani, 2009. p. 481. Tradução nossa. Texto original: “I fatti non esistono, esistono solo interpretazioni”.

¹² Cf. GRONDIN, J. *L'ermeneutica*. Brescia: Queriniana. 2012, pp. 10-11.

¹³ “Gadamer, todavia, coloca em discussão a premissa de Dilthey segundo a qual somente uma *metodologia* seria capaz de dar oferecer a verdade das ciências humanas”: Ibid., p. 61. O itálico é do autor. Tradução nossa. Texto original: “Gadamer mette tuttavia in discussione la premessa di Dilthey, secondo la quale solo una *metodologia* sarebbe in grado di rendere conto della verità delle scienze umane. È un po' il senso del titolo *Verità e metodo*: la verità non è unicamente questione di metodo”.

¹⁴ Cf. MURA, G. *Ermeneutica e verità: storia e problemi della filosofia dell'interpretazione*. Roma: Città Nuova, 1990. p. 268.

que escapam ao controle das ciências exatas e nem por esse motivo deixam de ser experiências capazes de oferecer uma verdade tão verdadeira quanto aquela das ciências¹⁵.

Gadamer, como aluno de Heidegger, entende a verdade como *aletheia*. Para Heidegger, verdade é um evento, é manifestação, desvelamento. Não é uma asserção, um fruto do intelecto. É, sim, um dado. A verdade se dá. Com base nesse evento é que se pode falar de conformidade entre intelecto e coisa, sujeito e objeto.

Como evento, a compreensão de uma coisa na sua verdade não se dá tanto como resultado de uma técnica aplicada, e sim como um encontro com algo que traz consigo uma verdade a ser dita. Ela é dita por meio das palavras e “o que nelas se diz é aquilo no que consiste a sua verdade, não uma opinião qualquer encerrada na impotência do particularismo subjetivo”¹⁶.

Para explicar essa dimensão do evento em relação à verdade, Gadamer usa a experiência estética, a experiência do belo. O belo é evidente, é a coisa mais clara. “Com isso está sempre dada a ideia de que o evidente não está demonstrado nem é absolutamente certo, mas se faz valer a si mesmo como algo preferencial, dentro do âmbito do possível e do provável”¹⁷.

O evidente é aquilo que se nos aparece “em si” como o mais convincente. E algo que é evidente não se demonstra porque apenas sua presença já basta, já diz tudo. O belo é assim, ele não é demonstrável, ele “acontece”, aparece como o irromper da luz, impondo-se por si mesma na sua evidência. Essa experiência corresponde à experiência da verdade.

¹⁵ Gadamer se refere às ciências do espírito. Diz ele na introdução de *Verdade e Método*: “As pesquisas a serem apresentadas vinculam-se a essa resistência que vem se afirmando, no âmbito da moderna ciência, contra a reivindicação universal da metodologia científica. Seu propósito é o de procurar por toda parte a experiência da verdade, que ultrapassa o campo de controle da metodologia científica, e indagar de sua própria legitimação, onde quer que a encontre. É assim que se aproximam as ciências do espírito das formas de experiência que se situam fora da ciência: com a experiência da filosofia, com a experiência da arte e com a experiência da própria história. Todos estes são modos de experiência, nos quais se manifesta uma verdade que não pode ser verificada com os meios metódicos da ciência” (GADAMER, H. G. *Verdade e Método*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pp. 31-32).

¹⁶ Ibid., p. 707.

¹⁷ Ibid., p. 701.

Diante desse quadro, a pergunta que se faz é: como encontrar a verdade? Onde ela se manifesta? Como garantir a objetividade?

A essa última interrogação, Gadamer se fez valer da *phronesis*¹⁸ aristotélica e seu modo de proceder e o transporta para a hermenêutica. Em Aristóteles, a filosofia prática e a filosofia teórica se acomodam enquanto ambas buscam a verdade. Por outro lado, elas se diferenciam: a filosofia prática busca a verdade em ordem à ação e não é isenta de neutralidade (fazer ou não fazer, bem ou mal, justo ou injusto); a filosofia teórica procura a verdade pela verdade e é neutra, isto é, considera a verdade tal e qual.

A pessoa, em meio às vicissitudes do dia a dia, necessita de uma filosofia prática. Isso equivale a dizer que a *phronesis* necessita da filosofia prática. Com ela, o saber prático pode adquirir os elementos importantes para discernir, realizar ou cumprir o que é bom, justo e verdadeiro na situação concreta. Para isso, é fundamental que a *phronesis*, mediante a filosofia prática, não se desvincule da *sophia* (sabedoria), pois é ela que dá os princípios para a ação.

*Aquilo que falta à phronesis é o aspecto eidético inerente à filosofia prática, a qual, embora percorra não um caminho apodítico, mas um caminho dialético de discussão, de crítica, de confronto, de diálogo, manifesta igualmente uma profunda instância de verdade, e por isso capaz de fecundar a phronesis de modo verdadeiro, impedindo-a de um êxito relativista ou puramente subjetivo que, ao contrário, pode conduzir a phronesis colocada no contexto da hermenêutica da faticidade de Heidegger, e exatamente por isso reavaliada por algumas correntes da filosofia contemporânea*¹⁹.

¹⁸ Pode ser traduzido por: prudência, sabedoria, razoabilidade, saber julgar, saber prático.

¹⁹ MURA, G. "La phronesis nell'interpretazione aristotelica di Gadamer". In: BACCARINI, E; ALES BELLO, A. (Ed.). *Persona, logos, relazione. Una fenomenologia plurale: scritti in onore di Ales Bello*. Roma: Città Nuova, 2011. p. 112. Tradução nossa. Texto original: "Ciò che manca alla *phronesis* è l'aspetto eidetico insito nella filosofia pratica, la quale, sebbene percorra non una strada apodittica ma un cammino dialettico di discussione, di critica, di confronto, di dialogo, manifesta parimenti una profonda istanza di verità, capace per questo di fecondare la *phronesis* in modo veritativo, impedendole un esito relativista o puramente soggettivo, cui invece può condurre la *phronesis* collocata nel contesto dell'ermeneutica della fatticità di Heidegger, e proprio per questo rivalutata da alcune correnti della filosofia contemporanea".

Esse procedimento da *phronesis* e sua relação com a sabedoria é inspiração para Gadamer fazer hermenêutica²⁰. A *phronesis* se aproxima e serve de modelo para a hermenêutica, enquanto ela implica ponderar, examinar, contrapor, ouvir conselhos, deliberar, confrontar-se com outra pessoa. A hermenêutica também é isso: confrontar-se, pôr sobre a mesa várias vozes até vir fora a verdade. Todavia, como podemos encontrar a verdade?

4. MEIOS PARA ENCONTRAR A VERDADE

4.1 A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

A experiência estética é um encontro com a verdade, como já exposto anteriormente. Quando está diante de uma obra de arte, o sujeito pode se dispor a entrar em uma espécie de jogo e se deixar ser transportado por ele. O sujeito se submete às suas regras. A subjetividade, então, se coloca sob a objetividade da obra de arte. Esta lhe comunica algo de si, mas também suscita algo do sujeito. Isto é, o sujeito descobre algo do objeto, mas também algo de si mesmo. Por esse motivo, há uma variedade de interpretações da mesma obra de arte²¹.

Essa descrição evidencia como na experiência estética é o objeto que dita as regras. "Por isso, a experiência da verdade não depende da minha prospectiva, depende principalmente da própria obra, a qual me abre os olhos sobre aquilo que é"²². Exclui-se, dessa maneira, o subjetivismo na interpretação. À verdade se chega não por meio de um método, mas é um evento. A obra de arte nos atrai, nos fisga e se mostra na sua verdade.

²⁰ "Referindo-se à *phronesis*, Aristóteles reconhece nela uma forma diferente de racionalidade, não científica, como aquela da filosofia teórica e da própria filosofia prática, porque ela delibera entorno às realidades que não são 'sempre' nem 'na maior parte das vezes', mas são totalmente contingentes. Por isso, a filosofia contemporânea mostrou-se particularmente observadora deste tipo de racionalidade 'não científica', e foi atribuído a Gadamer o mérito de tê-la reavaliado como 'tipo' da própria filosofia hermenêutica": Ibid., 110-111. Tradução nossa. Texto original: "Parlando infatti della *phronesis*, Aristotele riconosce in essa una diversa forma di razionalità, non scientifica, come quella della filosofia teoretica e della stessa filosofia pratica, perché essa delibera intorno a realtà che non sono 'sempre' né 'per lo più', ma sono totalmente contingenti. Per questo la filosofia contemporanea si è mostrata particolarmente attenta a questo tipo di razionalità 'non scientifica', e viene attribuito a Gadamer il merito di averla rivalutata come 'tipo' della stessa filosofia ermeneutica".

²¹ Cf. GRONDIN, J. *L'ermeneutica*. Brescia: Queriniana. 2012, p. 65.

²² Id. Tradução nossa. Texto original: "L'esperienza di verità non dipende per questo dalla mia prospettiva, dipende innanzitutto dall'opera stessa che mi apre gli occhi su ciò che è".

O aspecto do encontro entre sujeito e objeto sublinhado por Gadamer põe em evidência um conceito importante para ele. É a fusão dos horizontes²³.

*O horizonte do presente não se forma pois à margem do passado. Nem mesmo existe um horizonte do presente por si mesmo, assim como não existem horizontes históricos a serem ganhos. Antes, compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos*²⁴.

A consciência do sujeito em relação à história é determinada por esta. A pessoa, ao pretender interpretar o passado, se vê como fruto dele, isto é, a história é capaz de determinar os paradigmas através dos quais o sujeito vê e compreende o seu entorno. Esse fenômeno evidencia o ser-determinado por outro ou, em outras palavras, a finitude humana. O sujeito, ao tomar consciência disso, abre-se, então, à alteridade e às novas experiências. "A compreensão aparecerá menos como uma atividade do sujeito e mais como um acontecimento que depende do trabalho da história"²⁵. "O compreender deve ser pensado menos como uma ação da subjetividade do que como um retroceder que penetra em um acontecer da tradição"²⁶.

A fusão de horizontes é, então, "traduzir o passado com a linguagem do presente no qual os horizontes do passado e do presente se fundem"²⁷. E mais exatamente, é a fusão do sujeito com o objeto, do intérprete com o objeto interpretado. É a versão gadameriana do *adaequatio rei et intellectus* como definição clássica da verdade²⁸.

²³ Cf. GADAMER, H. G. *Verdade e Método*, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pp. 449-458.

²⁴ Ibid., p. 457. O não itálico é do autor.

²⁵ GRONDIN, J. *L'ermeneutica*. Brescia: Queriniana. 2012, p. 72-73. Tradução nossa. Texto original: "La comprensione apparirà meno come un'attività del soggetto che come un accadere che dipende dal lavoro della storia".

²⁶ GADAMER, H. G. *Verdade e Método*, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 435. O itálico é do autor.

²⁷ GRONDIN, J. *L'ermeneutica*. Brescia: Queriniana. 2012, p. 75. Tradução nossa. Texto original: "tradurre il passato nel linguaggio del presente, nel quale gli orizzonti del passato e del presente si fondono".

²⁸ Cf. GRONDIN, J. "La fusion des horizons. La version gadamérienne de l'*adaequatio rei et intellectu*?. *Archives de Philosophie* 68 (2005), p. 417.

4.2 O DIÁLOGO

Dando prosseguimento, o diálogo interpessoal é um lugar privilegiado para se encontrar a verdade. Nesse sentido, Gadamer vê na dialética platônica um exemplo²⁹.

Onde quer que haja um saber [saber verdadeiro], que não pode ser adquirido mediante aprendizagem, mas somente submetendo a exame o próprio saber e o saber que se pensa de possuir, estamos lidando com a dialética. Somente no diálogo – consigo ou com outros – se pode superar os meros pre-juízos das convenções dominantes, e somente quem é realmente guiado por tal conhecimento prévio do “bem” poderá proceder sem deixar-se ser confundido³⁰.

Sendo assim,

a palavra de verdade é apreendida indutivamente e dialogicamente em uma espécie de anamnesis, de reconhecimento rememorativo, no qual os interlocutores do diálogo, superando as opiniões pessoais e falaciosas, alcançam a verdade a qual eles mesmos se dedicaram³¹.

²⁹ Cf. GADAMER, H. G. *Verdade e Método*, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pp. 533-558.

³⁰ GADAMER, H. G. *Studi platonici*, Casale Monferrato: Marietti, 1983. pp. 177-178. v. 2. Tradução nossa. Texto original: "Ovunque si tratti di un sapere [saber verdadeiro], che non può venire acquistato mediante apprendimento, ma soltanto sottoponendo ad esame se stessi e il sapere che si pensa di possedere, abbiamo a che fare con la dialettica. Soltanto nel dialogo – con se stessi o con altri – si possono superare i meri pregiudizi delle convenzioni dominanti, e soltanto chi è realmente guidato da tale conoscenza previa del “bene” potrà procedere senza lasciarsi confondere». A este respeito comenta Mura: «Segundo o grande ensinamento platônico, a palavra de verdade se ilumina no diálogo interpessoal, e não é palavra apofântica, ou palavra de afirmação demonstrativa, mas subjaz a uma espécie de *epagoge*, ou seja, de método indutivo capaz de conduzir o outro, no diálogo, ao seu ponto originário de intuição” (MURA, G. *Ermeneutica e verità: storia e problemi della filosofia dell’interpretazione*. Roma: Città Nuova, 1990, pp. 268-269. Tradução nossa. Texto original: “Secondo la grande lezione platonica, la parola di verità si illumina nel dialogo interpersonale, e non è parola apofantica, o parola dell’affermazione dimostrativa, ma soggiace ad una sorta di *epagoge*, ossia di metodo induttivo capace di condurre l’altro, nel dialogo, al suo punto originario di intuição”.

³¹ MURA, G. *Ermeneutica e verità: storia e problemi della filosofia dell’interpretazione*. Roma: Città Nuova, 1990, p. 269. Tradução nossa. Texto original: “la parola di verità viene colta indutivamente e dialogicamente in una sorta di *anamnesis*, di ricognizione rammemorativa, nella quale gli interlocutori del dialogo, superando le opinioni personali e fallaci, raggiungono quella verità alla quale essi stessi si sono dedicati”.

O diálogo é lugar do evento da verdade. Ele ajuda a pessoa a encontrar a verdade e alargar a sua compreensão da mesma. Ele é importante porque, no encontro com as pessoas, pode-se aprender do outro, ou juntos, uma verdade já conhecida ou não. Dialogar com o “estrangeiro” possibilita o encontro com um fragmento da verdade que talvez eu ainda não tenha encontrado. Dizia Platão:

*De fato, o conhecimento de tais verdades não é completamente comunicável como os outros conhecimentos, mas, depois de várias discussões feitas sobre estes temas, e depois de uma comunhão de vida, improvisamente, como luz que se acende com o lançar de uma faísca, ela nasce na alma e por ela mesma se alimenta*³².

O diálogo proposto por Gadamer é o diálogo de caráter dialético³³ cuja estrutura é a da pergunta e resposta. É necessário que o interlocutor seja capaz de seguir um ao outro. O guia é o próprio argumento. As razões expostas pelo interlocutor devem ser levadas em consideração no seu significado objetivo. Nessa dinâmica, o perguntar é muito importante. Ela abre uma estrada para o conhecimento, enquanto põe à prova o objeto discutido; cria uma dúvida, uma hipótese, gera uma instabilidade em vista de uma estabilidade expressada pela resposta. Ao final, “o que vem à tona, na sua verdade, é o *logos*, que não é nem meu nem teu, e que, por isso, sobrepuja tão amplamente a opinião subjetiva dos companheiros de diálogo, que inclusive aquele que o conduz permanece sempre como aquele que não sabe”³⁴.

³² PLATÃO, *Lettera VII*, C 10 - D 2. Tradução nossa. Texto original: “Infatti la conoscenza di tali verità non è affatto comunicabile come le altre conoscenze, ma, dopo molte discussioni fatte su questi temi, e dopo una comunanza di vita, improvvisamente, come luce che si accende dallo scoccare di una scintilla, essa nasce nell’anima e da se stessa si alimenta”.

³³ Por “dialético” entendemos “aquela operação racional que descobrindo o real concreto, interioriza as aparentes oposições e as resolve na unidade superior conquistada pelo espírito, que vai além das aparentes contradições das várias perspectivas fenomenológicas” (GNEO, C. *Educazione al dialogo*. Roma: Pontificia Università Lateranense, 1980, p. 138). Tradução nossa. Texto original: “quell’operazione razionale che scoprendo il reale concreto, ne interiorizza le apparenti opposizioni e le resolve nella superiore unità conquistata dallo spirito, che va oltre le apparenti contraddizioni delle varie prospettive fenomenologiche”.

³⁴ GADAMER, H. G. *Verdade e Método*, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 542.

No diálogo, além de se descobrir uma verdade sobre determinado objeto, pode-se também descobrir uma verdade do interlocutor. Se o diálogo é do tipo “conversação científica”, temos as inferências, fórmulas, deduções, textos e, sobretudo, um interlocutor genérico. A outra possibilidade é a do diálogo tipicamente humano. Ele é feito de contato vivo, *vis-à-vis*, no qual está implicada a surpresa dos atos livres à medida que a conversa discorre. Aqui o interlocutor tem um rosto bem definido. É nesse tipo de diálogo que, ao final, o resultado é mais que uma verdade sobre um objeto. Descobrem-se também verdades um do outro³⁵.

Uma interessante pergunta que a esse ponto se põe é sobre a fonte dessa verdade. Como ela aparece aos dialogantes? A esse respeito, Gadamer, em um colóquio pessoal com Prof. Mura, se apresentou declaradamente platônico agostiniano:

“Eu sou um platônico agostiniano”. E comentou esta afirmação explicando que devido a verdade estar em nós, mas também estar acima de nós, é a sua presença que nos impulsiona a buscá-la sempre mais, suscita a tensão hermenêutica para dialogar com todos os que a procuram, que nos eleva em modo dialético-hermenêutico em direção ao seu horizonte infinito, porque, como escreve Agostinho, “fecisti nos ad Te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te” (Conf., I,1)³⁶.

Com isso, se conclui pela existência de uma abertura ontológica, por parte da pessoa humana, à verdade, cuja fonte é Deus, e a hermenêutica dialógica como “o único “método” possível e apropriado para alcançar a verdade”³⁷.

³⁵ Cf. ZUCKERT, C. H. “Hermeneutics in Practice: Gadamer on Ancient Philosophy”. In: DOSTAL, R. J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Gadamer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 203.

³⁶ MURA, G. “Ermeneutica e verità in Gadamer. Incontro con un Maestro”. In: *Acta Philosophica. Rivista internazionale di filosofia*. Fasc. 1,21 (2012), pp. 168-169. Tradução nossa. Texto original: «“Io sono un platonico agostiniano”. E commentò questa affermazione chiarendo che poiché la verità è in noi ma anche al di sopra di noi, è la sua presenza a spingerci a ricercarla sempre di più, a suscitare la tensione ermeneutica a dialogare con tutti i cercatori della verità, ad ascendere in modo dialettico-ermeneutico verso il suo orizzonte infinito, perché, come scrive Agostino, “fecisti nos ad Te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te” (Conf., I,1)».

³⁷ MURA, G. *Ermeneutica e verità: storia e problemi della filosofia dell'interpretazione*. Roma: Città Nuova, 1990, p. 269 Tradução nossa. Texto original: “l'unico ‘metodo’ possibile e appropriato per cogliere la verità”.

4.3 O PAPEL DA LINGUAGEM

Juntamente com o diálogo, a linguagem ocupa um importante lugar na hermenêutica gadameriana porque “a linguagem é o meio em que se realiza o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa”³⁸. A linguagem é o meio de acesso ao mundo.

Gadamer rejeitou a compreensão nominalista e instrumentalista da linguagem como se nós pudéssemos, com a linguagem, construir ou desconstruir o mundo, usá-la como instrumento de poder e opressão sobre os demais (tem o poder quem fala melhor).

Ele não compartilhou da visão que o mundo seja feito pela linguagem ou que o mundo seja privado de sentido, que, por sua vez, é dado pela linguagem do sujeito intérprete. Ao contrário, para Gadamer, a linguagem é já presença da coisa, é o ser; “as palavras, a linguagem, não são, para ele, fenômenos que ocultam a realidade que exprimem, mas manifestações do ser da própria realidade significada”³⁹.

Em síntese, o ser é linguagem e, portanto, pode ser compreendido. “O ser que pode ser compreendido é linguagem”⁴⁰. Essa frase

*não significa o domínio absoluto da compreensão sobre o ser, mas pelo contrário, ela diz que o ser não é experimentado onde algo pode ser construído por nossas próprias mãos e que nesta medida seria concebido, mas lá onde aquilo que acontece pode ser meramente compreendido*⁴¹.

Assim, não apenas as ciências humanas são objeto da hermenêutica, mas sim tudo. A hermenêutica passa a ter um valor de filosofia universal⁴².

Dessa maneira, o comportamento do sujeito no seu interpretar é aquele

³⁸ GADAMER, H. G. *Verdade e Método*, 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pp. 559-560.

³⁹ MURA, G. “La phronesis nell’ interpretazione aristotelica di Gadamer”. In: BACCARINI, E.; ALES BELLO, A. (Ed.). *Persona, logos, relazione. Una fenomenologia plurale: scritti in onore di Angela Ales Bello*. Roma: Città Nuova, 2011. p. 120. Tradução nossa. Texto original: “le parole, il linguaggio, non sono per Gadamer fenomeni che celano la realtà che esprimono, ma manifestazioni dell’essere della stessa realtà significata”.

⁴⁰ GADAMER, H. G. *Verdade e Método*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 687. O itálico é do autor.

⁴¹ Ibid., pp. 24-25.

⁴² Cf. GRONDIN, J. *L’ermeneutica*. Brescia: Queriniana, 2012. pp. 78-79.

de escutar o que as coisas dizem. E a linguagem que ele utilizará para explicar o objeto não é sua, mas é expressão da linguagem mesma do objeto. Todavia, Gadamer já advertia que o escutar a linguagem das coisas é uma tarefa sempre mais difícil⁴³. As pessoas não são preparadas para tal porque a tendência é dominar tudo através do cálculo científico. Isso significa que o sujeito fala. Quanto à fala do objeto, esta não é ouvida ou, se sim, é destinada a indiferença.

4.4 OS CLÁSSICOS GREGOS

Gadamer, em sua filosofia, inspirou-se nos autores gregos clássicos e, com certa frequência, fez menção explícita a eles⁴⁴ ou à tradição humanística⁴⁵. Esse fato se insere nas preocupações de Gadamer com a situação atual. Vive-se em uma Europa na qual a natureza tem sido destruída com as armas da ciência. Isso também se faz presente nos países de outros continentes “filhos” da Europa. Quer-se progredir economicamente a qualquer preço e, para tal, implanta-se um modelo de desenvolvimento insustentável. Nesse contexto,

A energia com a qual esta pequena Europa, com suas ideias civilizadoras e com a sua potência tecnológica, se expandiu por todo o mundo, exorta-nos a buscar como seja possível alcançar um melhor equilíbrio na nossa vida; um equilíbrio que permita de não mais consumir as nossas energias somente na furiosa caça pelo progresso, mas de novamente promover, através da arte e do pensamento, o surgir de grandes criações, voltadas para o cuidado e o embelezamento da nossa vida, ao seu enriquecimento, e deste modo promulgar outros valores que possam ser atestados entre os homens e tornar feliz a humanidade. Esta é a nossa

⁴³ Cf. GADAMER, H. G. *Verdade e Método II. Complementos e Índice*. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 84-85.

⁴⁴ Aristóteles e Platão estão entre os autores mais mencionados em *Verdade e Método* (cf. GADAMER, H. G. *Verdade e Método*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. pp. 725 e 729).

⁴⁵ “O que faz das ciências do espírito uma ciência é mais compreensível com base na tradição do conceito de formação do que da ideia de método da ciência moderna. Trata-se da *tradição humanística*, à qual iremos nos reportar”: *Ibid.*, p. 59. O itálico é do autor.

missão peculiar. [...] “Aquilo que agora está em jogo diz respeito a nós. Corresponde a nós iniciarmos a buscar, de modo medido e tenaz, as novas forças que a vida requer a fim de que o incessante e furioso progresso não nos conduza à destruição”. Para este objetivo podemos aprender muito com os gregos e com a cultura humanista que se nutre daquela grega. E se a Itália é tão atraente para mim, isto é devido principalmente ao fato que neste país a tradição humanista, correspondente ao espírito do povo italiano, conservou certa sensibilidade para a medida, para a moderação⁴⁶.

A revalorização desses autores ou do humanismo clássico pode, então, ser um meio para promover uma vida sustentável e solidária entre povos e povos e natureza, pois eles formam e educam o indivíduo, desenvolvendo nele a capacidade de julgar e superar a particularidade abrindo-se ao horizonte da universalidade⁴⁷. Dessa maneira, dialogar com os grandes mestres é aprender a perguntar. Conhecer os mitos antigos é entrar em contato com valores fundamentais para a vida ensinados por eles de modo metafórico. Todos colhem um aspecto da verdade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do quadro apenas exposto, concluímos que Gadamer oferece importantes elementos para uma educação para a verdade, dignos de serem seriamente levados em consideração por parte dos educadores, pais e professores.

⁴⁶ “Il compito dell’intellettuale (13/1/1999). Dialogo tra Gerardo Marotta e Hans-Georg Gadamer”. Disponível em: <<http://www.filosofico.net/gadam215erinterv1istra.htm>>. Acesso em: 20/05/2015. Tradução nossa. Texto original: “L’energia con cui questa piccola Europa, con le sue idee civilizzatrici e con la sua potenza tecnologica, si è estesa in tutto il mondo, ci esorta ad indagare come sia possibile raggiungere un equilibrio migliore nella nostra vita; un equilibrio che permetta di non consumare più le nostre energie solo nella caccia furiosa di progresso, ma di promuovere nuovamente, attraverso l’arte ed il pensiero, il sorgere di grandi creazioni, volte alla cura e all’abbellimento della nostra vita, al suo arricchimento, e a promulgare così altri valori che possano attestarsi fra gli uomini e rendere felice l’umanità. Questo è il nostro peculiare compito. [...] ‘Ciò che è ora in gioco ci riguarda. Spetta dunque a noi iniziare a trovare, in modo misurato e tenace, le nuove forze che la vita richiede affinché l’incessante e furioso progresso non ci porti alla rovina’. A questo scopo possiamo apprendere molto dai greci e dalla cultura umanista che si nutre di quella greca. E se l’Italia è così attraente per me, ciò è dovuto principalmente al fatto che in questo paese la tradizione umanista, corrispondente allo spirito del popolo italiano, ha conservato una certa sensibilità per la misura, per la moderazione”.

⁴⁷ Cf. GRONDIN, J. *L’ermeneutica*. Brescia: Queriniana, 2012. p. 62.

A distinção feita por Gadamer entre *Bildung* e *Erziehung* estabelece bem os limites do agir pedagógico e põe em relevo a importância, a responsabilidade e o papel do educando. Com Gadamer, fica bem claro que ninguém forma ninguém. Há espaço apenas para a autoformação. Põe-se, então, em relevo a liberdade pessoal e, com ela, a possibilidade de o educando desconsiderar tudo o que lhe é proposto pelo ensinamento. Educar é um risco. A última palavra, que é uma palavra interior, será sempre do educando. A ele corresponde fazer a síntese interior de tudo o que lhe é ensinado e decidir o que ele incorpora ou exclui para sua formação. Nesse processo, o grande desafio é fazer a pessoa assumir a própria formação e educação para o seu desenvolvimento integral.

No que diz respeito à verdade, notamos que a concepção gadameriana é uma estrada para edificar uma sociedade na qual há espaço para o respeito mútuo e reconhecimento do valor de cada membro. Isso é possível porque a verdade existe, mas não é possuída totalmente por ninguém. Estamos sempre à sua busca. Essa é a condição humana. Sendo assim, a verdade é algo não manipulável, e sim absoluto que se dá às pessoas. Quem a encontrou torna-se portador de um seu fragmento.

Com Gadamer, vimos que a verdade se dá na experiência estética e, especialmente, por meio do diálogo, que é encontro e exercício da linguagem. Aqui nasce toda uma perspectiva de educação para a verdade mediante o diálogo. Por si, a educação já significa o encontro entre dois sujeitos portadores da palavra. Se se dá mais oportunidade para a fluência dessa palavra, todos poderão crescer, pois a verdade se manifesta por meio da linguagem. Disso decorre a necessidade de dedicar mais tempo durante a aula, sobretudo na área de humanas, para o diálogo, o debate e o confronto de ideias. O ponto de partida para um diálogo frutuoso seria a leitura dos Clássicos gregos.

Nessa perspectiva, conclui-se que a relação professor-aluno não é uma relação de poder nem de transmissão unilateral de conhecimentos. Ambos são “procuradores da verdade” e podem se encontrar em estágios e profundidades diferentes, porém sempre capazes de ensinar e aprender algo mutualmente. À

luz do pensamento de Gadamer, podemos dizer que o papel do professor é o de assistente do aluno no seu caminho de formação e o de modelo de diálogo.

Embora no diálogo também se descubra uma verdade do outro, é importante salientar que o centro do diálogo não é os dialogantes, mas a verdade à qual se quer chegar. Resulta que, na relação educativa, o professor não é o centro, mas o meio para se chegar à verdade.

Esse mesmo discurso transferido para o ambiente familiar, a primeira escola, é altamente frutuoso. A pergunta que se põe é sobre a preparação e abertura dos pais para o diálogo entre si e entre pais e filhos. A realidade que se constata é a ausência de tal espaço dialógico. Com o avanço dos meios de comunicação, a palavra sofreu uma metamorfose. De humana que era, tem se tornado sempre mais palavra virtual. Contudo, é sempre palavra. O empobrecimento que se nota é na palavra da televisão. Aqui não há diálogo, e sim monólogo, ao contrário das redes sociais.

Finalmente, o pensamento de Gadamer cria espaço para o encontro, a escuta, a compreensão, a acolhida mútua, a fusão de horizontes, enfim para a convivência universal. No contexto de pluralismo em diferentes dimensões da vida humana e, diga-se de passagem, um pluralismo de forte tendência à exclusão e violência, as atitudes apenas elencadas se tornam uma proposta de vida com mais qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADAMER, H. G. *Ermeneutica e metodica universale*. Torino: Marietti, 1973.

_____. *Studi platonici*, II. Casale Monferato: Marietti, 1983.

_____. *Verdade e Método*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Educare è educarsi*. Genova: Il Melangolo, 2014.

GNEO, C. *Educazione al dialogo*. Roma: Pontificia Università Lateranense, 1980.

GRONDIN, J. La fusion des horizons. La version gadamérienne de l'*adæquatio rei et intellectus*?. *Archives de Philosophie* 68 (2005), pp. 401-418.

_____. *L'ermeneutica*. Brescia: Queriniana, 2012.

MARIO, G. "Bildung e Erziehung nel pensiero pedagogico di Hans-Georg Gadamer". In: GADAMER, H. G. , *Educare è educarsi*. Genova: Il Melangolo, 2014. pp. 33-60.

MURUA, G., *Ermeneutica e verità: storia e problemi della filosofia dell'interpretazione*. Roma: Città Nuova, 1990.

_____. "La phronesis nell' interpretazione aristotelica di Gadamer". In: BACCARINI, E.; ALES BELLO, A. (Ed.). *Persona, logos, relazione. Una fenomenologia plurale: scritti in onore di Angela Ales Bello*. Roma: Città Nuova, 2011.

_____. "Ermeneutica e verità in Gadamer. Incontro con un Maestro". *Acta Philosophica. Rivista internazionale di filosofia*, fasc. 1, 21 (2012), 163-170.

NIETZSCHE, F. W. *La volontà di potenza*. Milano: Bompiani, 2009.

PLATONE. "Lettera VII". In: _____. *Tutti gli scritti*. REALE, G. (Ed.). Milano: Bompiani, 2005, 1806-1829.

ZUCKERT, C. H. "Hermeneutics in Practice: Gadamer on Ancient Philosophy". In: DOSTAL, R. J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Gadamer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. pp. 201-224.

"Il compito dell'intellettuale (13/1/1999). Dialogo tra Gerardo Marotta e Hans-Georg Gadamer". Disponível em: <<http://www.filosofico.net/gadam215erinterv1istra.htm>>. Acesso em: 26/05/2015.